

## Arquitetura para moradia e trabalho: estudo de casos nos subúrbios cariocas

### Live-work architecture: case studies on peripheral neighborhoods of Rio de Janeiro

### Vivienda de morada y trabajo: estudio de casos en los barrios periféricos de Río de Janeiro

*Ana Slade, Doutora em Urbanismo pelo PROURB-FAU-UFRJ e professora assistente da FAU-UFRJ.  
E-mail: [anaslade@fau.ufrj.br](mailto:anaslade@fau.ufrj.br)*

#### Resumo

No presente artigo são analisados três estudos de caso no subúrbio carioca. A aproximação a esses ambientes construídos e aos modos de vida de seus residentes tem o intuito de reconhecer, registrar e divulgar suas formas peculiares de produção do espaço, que não correspondem a modelos hegemônicos, mas são resultado de um processo de construção cotidiana. A unidade habitacional que conjuga moradia e trabalho tem um papel de destaque na produção de seus ambientes urbanos que, diferentemente das áreas residenciais planejadas e à revelia das legislações, se mistura com casas de uso estritamente residencial. É proposta uma formulação específica dos conceitos de público e privado e de repertório para o projeto, de acordo com o reconhecimento dos espaços, valores culturais, necessidades e práticas sociais apreendidos na pesquisa.

**Palavras-chave:** Subúrbios; Uso misto; Arquitetura para moradia e trabalho.

## Abstract

In this paper, three case studies in the peripheral neighborhoods of Rio de Janeiro are analyzed. The approach to these built environments and the ways of life of their residents aims to recognize, register and publicize their peculiar forms of space production, which do not correspond to hegemonic models, but are the result of a process of everyday construction. The housing unit that combines live and work activities has a prominent role in the production of its urban environments, which, unlike planned residential areas and in spite of legislation, mixes with houses for strictly residential use. A specific formulation of the concepts of public and private and of repertoire for the design is proposed, according to the recognition of spaces, cultural values, needs and social practices learned from the research.

**Keywords:** Suburbs; Mixed uses; Live work architecture.

## Resumen

En este artículo, se analizan tres estudios de caso en el suburbio de Río de Janeiro. El enfoque de estos entornos construidos y las formas de vida de sus residentes tiene como objetivo reconocer, registrar y publicar sus formas peculiares de producción espacial, que no corresponden a modelos hegemónicos, sino que son el resultado de un proceso de construcción diaria. La unidad de vivienda que combina vivienda y trabajo tiene un papel destacado en la producción de sus entornos urbanos, que, a diferencia de las áreas residenciales planificadas y, a pesar de la legislación, se mezclan con casas para uso estrictamente residencial. Se propone una formulación específica de los conceptos de público y privado y de repertorio para el proyecto, de acuerdo con el reconocimiento de espacios, valores culturales, necesidades y prácticas sociales aprendidas en la investigación.

**Palabras clave:** Suburbios; Uso mixto; Vivienda de morada y trabajo.

## INTRODUÇÃO

**A**rquitetura para moradia e trabalho é analisada nesta investigação por seu potencial para a redução dos deslocamentos nas grandes cidades (DOLAN, 2014) ao favorecer a redução dos percursos diários de seus residentes em suas atividades cotidianas, podendo impactar, conseqüentemente, em menor demanda por transporte coletivo e individual. Além disso, é de especial interesse a análise dessa tipologia arquitetônica pelo seu potencial desempenho na ativação do espaço urbano. Nesse sentido, o subúrbio carioca é investigado a partir das transformações operadas pelos residentes para conjugar trabalho e moradia em suas casas. O uso relacionado ao trabalho é analisado a partir da diluição da fronteira entre espaço privado e espaço público e o rompimento com a fragmentação entre o lote e a rua.

Imersa em grande diversidade de tecidos urbanos e grupos sociais, uma característica comum nos subúrbios do Rio de Janeiro é a repetição de quadras parceladas em pequenos lotes destinados a casas unifamiliares. Com o crescimento da cidade e a especialização do centro como área comercial e administrativa, esse padrão foi imposto, desde as últimas décadas do século 19, para a moradia de inúmeras famílias. O não planejamento de espaços para outras atividades cotidianas como comércio, serviços e espaços para o convívio social nas proximidades das vizinhanças residenciais se torna uma oportunidade, que combinada com a necessidade de geração de renda, resulta no estabelecimento de uma economia local e na transformação do espaço urbano.

Apesar da legislação das Zonas Residenciais não permitir o uso misto em um único lote, há muita permissividade para práticas que não atendem à legislação urbanística vigente, o que torna o ambiente mais propício para a experimentação de soluções mais espontâneas. Nesse sentido, esses bairros periféricos são mais favoráveis para a proliferação do desvio criativo com relação às respostas massificadas ou das “táticas” (CERTEAU, 1984) informais.

O ambiente construído das vizinhanças é, então, analisado considerando-se duas camadas. A primeira, formal e construída previamente e alheia aos seus ocupantes, é constituída da repetição de uma unidade básica: o lote, ocupado majoritariamente por casas unifamiliares e rodeados por calçadas e ruas estreitas. A partir desse contexto, há uma segunda camada, formada a partir da resposta ou prática dos usuários em relação ao sistema em que estão submetidos. Podemos observar, então, dois cenários distintos que ilustram diferentes contextos urbanos nas ruas da vizinhança estudada.

O primeiro cenário é de inúmeros universos privados coexistindo, cada qual em seu lote e desconectados entre si: casas muradas, com uma demarcação física muito clara da fronteira entre os ambientes público e privado, em que a rua é apenas um meio de circulação para se chegar aos universos particulares das casas. Nesse primeiro cenário, os muros são elementos dominantes na paisagem

e reforçam a separação dos lotes privados previamente estabelecida, não havendo lugar para o “comum”.



Figura 1: Rua residencial em Irajá, RJ, como ilustração do ‘cenário 1’. Fonte: Google, 2018.

No segundo cenário, uma ação fundamental transforma o ambiente construído, tornando-o essencialmente distinto do anterior. Trata-se das operações relacionadas com as atividades de trabalho, sejam produtivas e/ou de comércio. Abre-se uma janela, coloca-se uma placa, constrói-se um “telheiro” ou um “puxadinho” anexo à casa, para vender algum produto ou oferecer algum serviço à vizinhança residencial. São operações sutis que se proliferam no interior das estruturas do sistema e subvertem silenciosamente seu funcionamento, respondendo a demandas econômicas, culturais e sociais. Tais dispositivos, entendidos como táticas, modificam o *status quo* dessas vizinhanças, promovendo a diluição da fronteira entre espaço privado e espaço público.

Essa característica não é exclusiva do subúrbio carioca e se desenvolve em diversos bairros residenciais nas periferias de cidades brasileiras. A aproximação a fragmentos residenciais do subúrbio carioca tem como objetivo formular conceitos gerais e específicos e ampliar o repertório para a concepção arquitetônica e urbana, com foco na relação casa-rua como constituinte fundamental da produção do espaço urbano.

A investigação analítica de fragmentos do subúrbio carioca tem foco na relação da casa com a rua. Nos detemos na fronteira entre os espaços público e privado, valorizando a produção do espaço comum. A casa é assim analisada na sua relação com seus moradores, demais residentes da vizinhança e transeuntes. A relação entre a arquitetura e o espaço urbano é valorizada como fator chave na constituição da rua, podendo ter impactos na vizinhança, no bairro e na cidade.

As análises desenvolvidas tiveram, inicialmente, o ambiente construído físico como foco principal, mas foram inevitavelmente se relacionando com as atividades humanas e o processo histórico. A abordagem da pesquisa coordenada por Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1980) nos fornece a base metodológica de análise por meio da relação entre categorias espaciais, valores culturais e atividades sociais, centrada nas relações da arquitetura com o ambiente urbano. A gradação entre os espaços público e privado da rua e da casa como proposto por Santos *et al.* (1980) é um conceito fundamental na análise desenvolvida.

A partir do método proposto por Santos *et al.* (1980), buscamos construir uma gramática específica para os contextos estudados. Primeiramente, foram identificadas as categorias que se referem e constituem porções ou recortes físicos do espaço e referências no espaço como a casa e a rua, o quintal e a calçada, a varanda, o “meio da rua”, janelas, portas, portões, balcões, telheiros e toldos (SANTOS *et al.*, 1980, p. 67). E, então, uma gramática é construída a partir das relações entre o sistema de categorias e outras duas camadas:

As noções de público e privado com todos os seus possíveis matizes, a formalidade e a informalidade, a visibilidade ou invisibilidade são valores aplicáveis às categorias físicas espaciais primeiramente identificadas. Assim temos um conjunto articulado de espaços, associado a um conjunto articulado de valores. Como proposto por Ferreira dos Santos *et al.* um terceiro sistema é considerado: o sistema de atividades ou de usos que se aplica aos dois anteriores, articulando categorias como trabalhar, morar e praticar ou desfrutar o lazer. O processo analítico é assim baseado na combinação dos ‘três sistemas’ (SANTOS, *et al.* 1985, p. 67).

COMBINAÇÃO DE 3 SISTEMAS:				
CATEGORIAS	+	SISTEMA DE VALORES	+	SISTEMA DE ATIVIDADES OU USOS
rua				
casa		gradação público - privado		morar
quintal				
janela		formalidade - informalidade		trabalhar
porta				
balcão		visibilidade - invisibilidade		desfrutar lazer
portão				
muro				
grade				
varanda, etc.				

Figura 2: Diagrama síntese metodologia de análise. Fonte: Elaborado pelo autor com base na metodologia de análise proposta por Santos et al. (1980).

Diferentemente da metodologia aplicada no reconhecimento do Catumbi por Santos et al. (1980), o presente trabalho não teve como procedimento base a etnografia. Concentramos as análises prioritariamente no espaço construído. E as práticas sociais foram consideradas de maneira menos sistemática e aprofundada, constituindo uma dimensão complementar.

É proposta uma formulação específica dos conceitos de público e privado de acordo com o reconhecimento dos espaços, valores culturais, necessidades e práticas sociais apreendidos na investigação, em que se identificam situações em que a oposição público-privado se realiza e casos em que o conceito de gradação subverte a relação de oposição.

## ESTUDOS DE CASO NA ZONA NORTE CARIOCA

A eleição dos subúrbios da Zona Norte para os estudos de caso foi impulsionada primeiramente por seu processo histórico. É nessa região da cidade do Rio de Janeiro que estão localizados os primeiros subúrbios de caráter estritamente residencial e destinados a trabalhadores que passaram a se deslocar diariamente para o centro da cidade. Além disso, a proximidade relativa e a segurança para a realização das visitas de campo foram fatores decisivos para essas visitas.

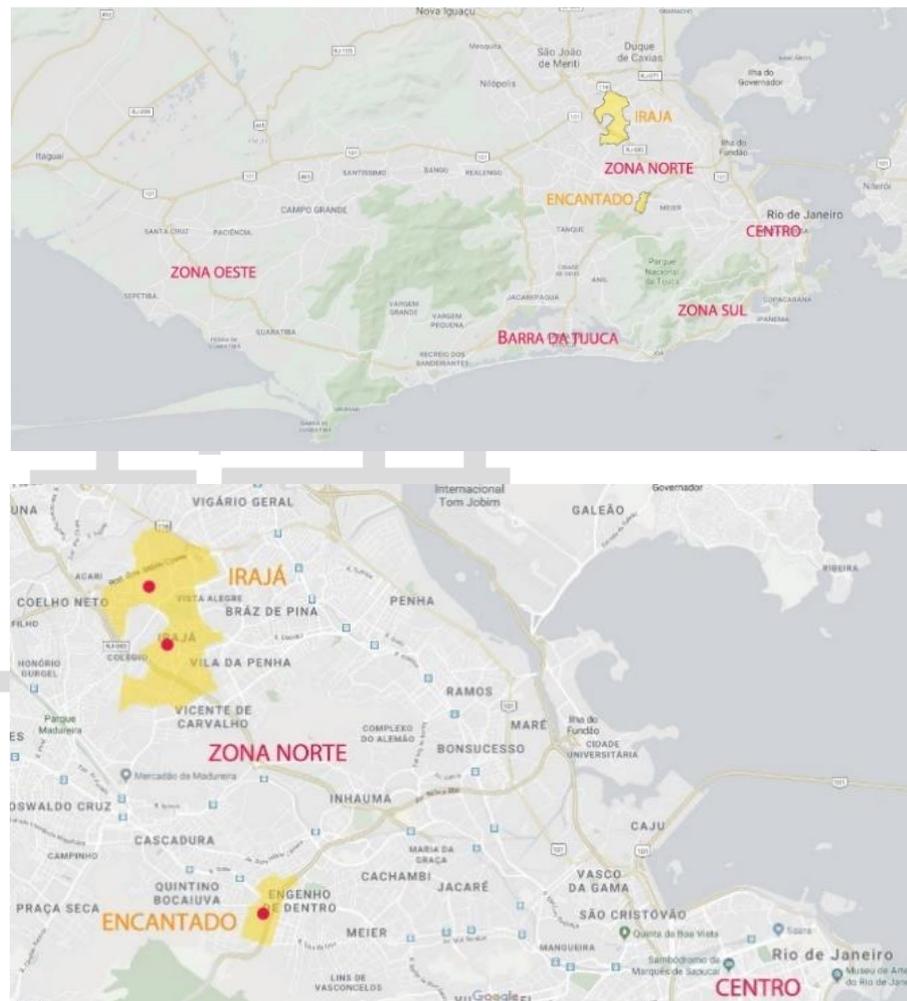


Figura 3: Mapas cidade do Rio de Janeiro com localização dos bairros Irajá e Encantado com localização dos 3 estudos de caso. Fonte: Elaborado pelo autor com base Google Maps, 2019.

A opção por três casos tem o objetivo de ilustrar a não homogeneidade dos subúrbios cariocas e de se obter um registro de um amplo repertório de tecidos urbanos e casas para a análise. Entretanto, não houve a pretensão de dar conta de toda a diversidade desses subúrbios, mas, por um lado, ilustrar a diversidade e, por outro lado, identificar características comuns entre diferentes vizinhanças. Os três fragmentos são diversos no que diz respeito à forma urbana, aos agentes que atuaram na formação e à transformação de seus ambientes construídos em relação às suas temporalidades.

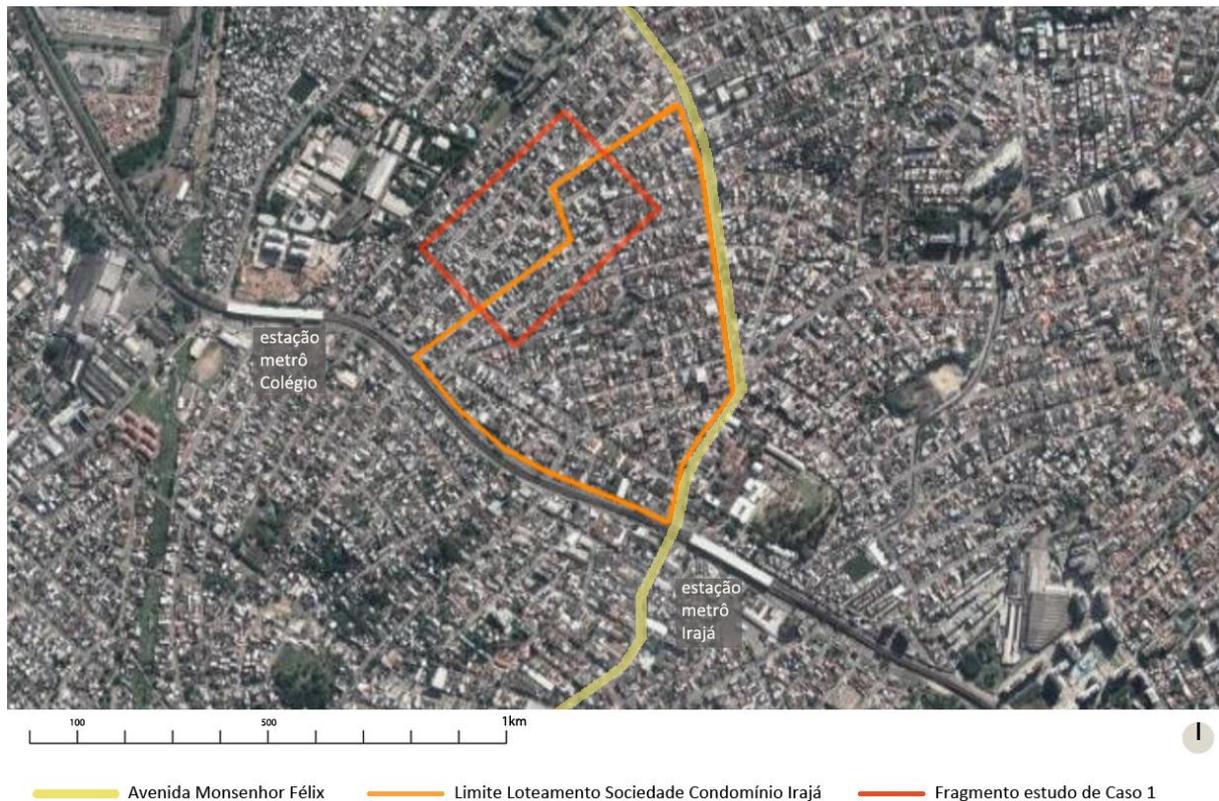


Figura 4: Imagem aérea localização. Fragmento Estudo de Caso 1, no bairro de Irajá. Fonte: Elaborado pela autora com base em imagem aérea do Google, 2019.

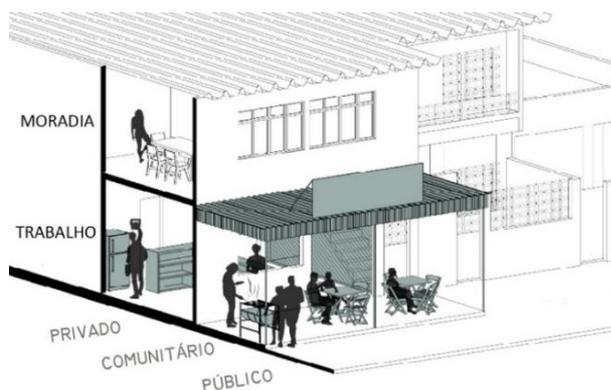
O primeiro fragmento analisado, no bairro de Irajá, está há aproximadamente um quilômetro da estação de metrô, onde há uma maior concentração de comércio e serviços. A vizinhança é constituída por uma predominância de casas, havendo poucos edifícios de três a quatro pavimentos com comércio no térreo, uma escola particular e poucas edificações dedicadas exclusivamente ao comércio.

Nas casas transformadas para conjugar espaços de trabalho à moradia na interface com a rua, a diluição da fronteira entre o lote privado e a calçada pública alcançam sua maior potência. Esses espaços de trabalho acarretam espaços de convívio e lazer, estabelecendo novos “pontos” pela influência deles ou a intensificação de “pontos” existentes previamente. Há diversos matizes na gradação público-privado nessas casas e destacamos algumas que são pelo potencial de geração de espaços de uso comum.



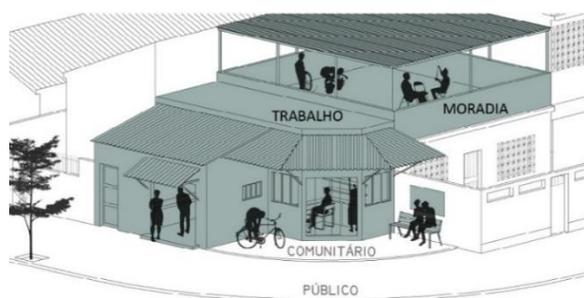
Figura 5: Mapa usos e gabarito Fragmento Fonte: Elaborado pela autora com base no Google Earth (2019) e aerofotogramétrico (Prefeitura RJ, 1997).

A casa em frente à Praça Carioquinha é uma típica birosca do subúrbio carioca. O espaço residencial foi transferido para o pavimento superior da casa e o térreo foi modificado para abrigar o novo uso de bar. O espaço interno contíguo à rua passou de privado a comunitário e a calçada pública foi apropriada, sendo nela demarcado um amplo espaço sombreado por um telheiro onde há mesas e cadeiras para os clientes e faz-se churrasco nos finais de semana.



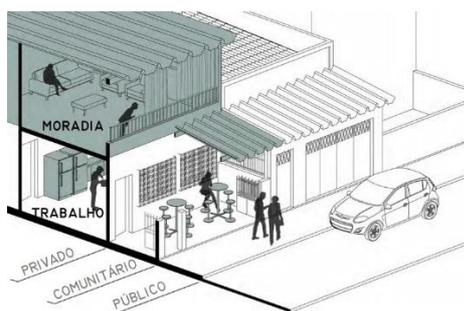
Figuras 6 e 7: Esquema 'Birosca' em casa no Irajá, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborado pela autora (colaboração: Daniel Moraes); Foto: Google Street View, 2010.

Na casa de esquina, abaixo, foram construídos dois anexos comerciais em parte de seu quintal frontal e um telheiro sobre a casa, que cobre o terraço no segundo pavimento, de uso dos moradores. Os espaços comerciais são alugados para não residentes e neles funcionam um salão de manicure e um ateliê de tatuagem. Diferentemente de muitas casas que fazem da calçada extensão de seus estabelecimentos comerciais, nesse caso, parte do terreno privado é cedido ao espaço público na forma de varanda comunitária. No espaço contíguo à rua são estacionadas bicicletas e há bancos e cadeiras para clientes e funcionários e que são também convidativos a qualquer passante.



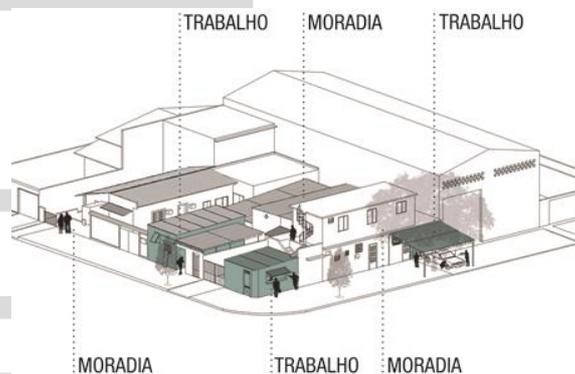
Figuras 8 e 9: Esquema "Manicure e Tatuagem" em casa no Irajá, Rio de Janeiro. Fonte: Elaborado pela autora (colaboração: Daniel Moraes).

Em outra casa, o espaço frontal do lote é cedido para o convívio comunitário. De forma similar à biosca, a moradia é deslocada para o segundo pavimento e o espaço interno do térreo é transformado em espaço de produção. O portão está sempre aberto em horário de funcionamento da fábrica de salgados. A varanda torna-se um espaço comunitário para conversa entre vizinhos e clientes que aguardam atendimento.



Figuras 10, 11 e 12: Esquema “Fábrica de salgados” em casa no Irajá. Fonte: Elaborado pela autora (colaboração: Daniel Moraes). Fotos: Google (esquerda); acervo pessoal (direita).

Na esquina junto aos edifícios comerciais, o lote foi desmembrado em diversas casas, incluindo três que conjugam espaços comerciais abertos para a rua. A relação espacial entre o interior e exterior e a gradação do público para o privado se dão de maneira distinta em cada um dos três casos. Na esquina, há uma pequena venda no interior da construção que se comunica com a calçada por meio de uma janela com balcão. Em outra, há nas casas um telheiro na calçada, contíguo a um espaço dentro da casa, aberto para a rua, onde já funcionou uma oficina de bicicletas e, atualmente, há um lava a jato. O terceiro espaço comercial é um salão de beleza. A atividade acontece dentro da edificação e não é visível da rua. Há, entretanto, um espaço de transição coberto e aberto para a rua, que faz a conexão entre a calçada e a porta do estabelecimento.



Figuras 13 e 14: esquina com três estabelecimentos comerciais conjugados a casas residenciais em Irajá. Fonte: Elaborado pela autora (colaboração: Vinicius Medeiros).

O segundo estudo de caso está localizado na porção norte do mesmo bairro. O fragmento analisado nesse estudo de caso é parte integrante de um empreendimento do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos ([IAPM] Bonduki, 2012) que, diferentemente da vizinhança anterior, incluiu o arruamento, parcelamento e construção das casas. O loteamento do IAPM está localizado entre a Avenida Brasil — primeira via expressa do Rio de Janeiro, inaugurada em 1948, que é até hoje um dos corredores viários de fluxo mais intenso da cidade — e a Estrada da Água Grande, antigo caminho da região de Irajá e que é, atualmente, um importante corredor comercial e de conexão com os bairros adjacentes e por onde circulam grande número de linhas de ônibus.

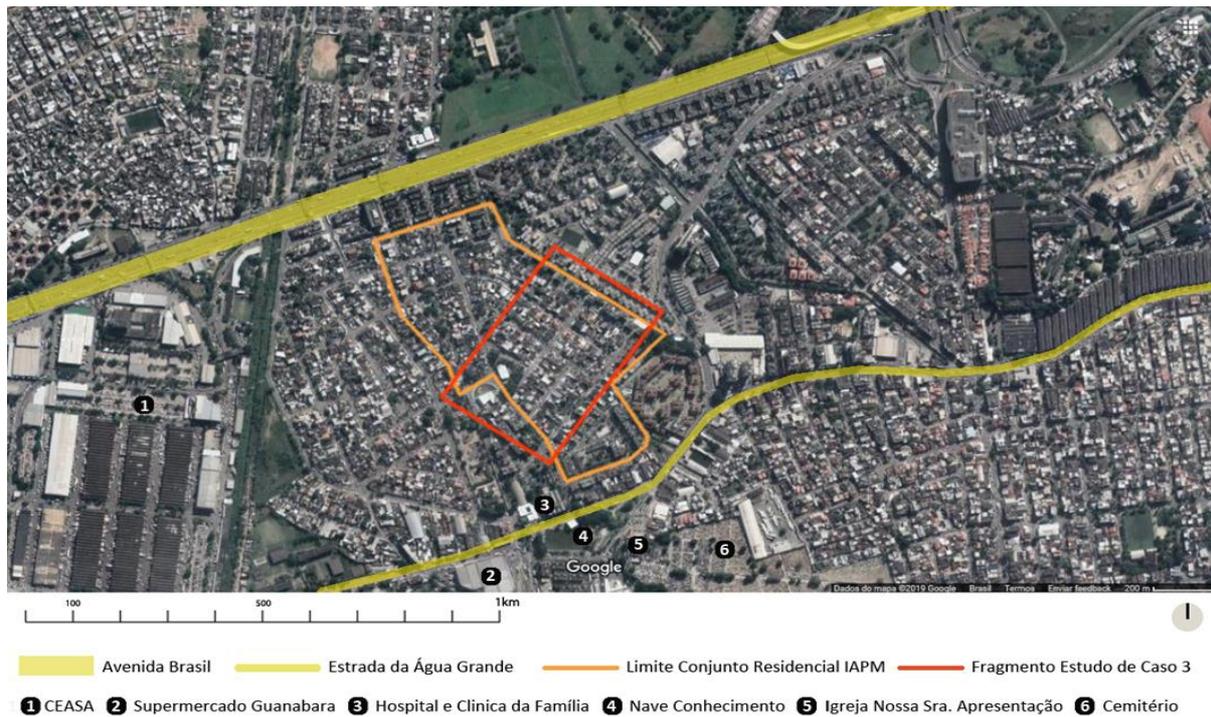


Figura 15: Imagem aérea da localização fragmento estudo de caso 2 Irajá Marítimos. Fonte: Elaborado pela autora com base em imagem aérea Google, 2019.

Todas as quadras edificadas do IAPM são exclusivamente residenciais e foram destinadas a casas unifamiliares térreas. Os conjuntos residenciais edificados, posteriormente, em seu redor são constituídos de edifícios de quatro pavimentos, de uso também exclusivamente residencial. Não há, portanto, previsão de comércio ou serviços ou espaços de produção dentro da área residencial.



Figura 16: Mapa usos e gabarito Fragmento. Fonte: Elaborado pela autora com base 2019 Aerofotogramétrico (Prefeitura RJ, 1997).

Com o passar do tempo, as casas residenciais foram intensamente transformadas, crescendo em altura e agregando outros usos, à revelia da legislação. Segundo depoimento de moradora<sup>1</sup>, desde o início da ocupação do loteamento pelos moradores, há “um bar em cada rua”, e ampla oferta de produtos e serviços pelos moradores que sempre garantiu que não houvesse necessidade de sair das imediações da vizinhança bairro para o abastecimento da casa.

As casas de toda a vizinhança foram bastante alteradas em relação ao conjunto original, sendo difícil de se identificar na observação das ruas resquícios das casas originais. Na maior parte das casas foram edificadas anexos no quintal frontal, seja para comércio ou ampliação da residência e pavimentos adicionais.

<sup>1</sup>Depoimento da cantora Dorina, no evento “Diálogos Suburbanos” realizado no Palácio Rio 450 em 27 de abril de 2019.



*Figura 17: Raro exemplar de casas em que é possível se identificar a volumetria original. Fonte: Acervo da autora.*

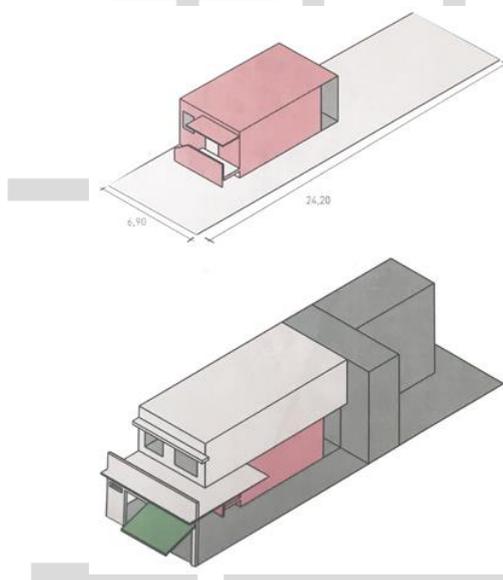
Dentre as casas que conjugam espaços de trabalho à moradia, há atividades de produção, serviço e comércio que se desenvolvem no interior das casas ou na interface com a rua. A maior parte dos estabelecimentos comerciais abertos para a rua está localizada nas ruas de maior fluxo de pedestres devido à conexão que fazem entre os conjuntos habitacionais e a vizinhança de casas com o centro de bairro.

É bastante usual a edificação de um anexo que ocupa parte do quintal frontal e mantém um espaço lateral para acesso à moradia atrás do comércio. Como a casa original é elevada em relação ao nível da rua, a edificação comercial mais baixa, não prejudica a ventilação e iluminação da residência. Por exemplo, a lanchonete da Rua José Sombra foi edificada em frente à casa que, nesse caso, foi pouco alterada em relação à casa geminada original.



Figuras 18 e 19: Esquema Lançonete em casa no Irajá Marítimos. Fonte: Marcos Pavão, Mel Martins e Pedro Vitor.

Atualmente, a maior parte das casas tem um segundo pavimento, em alguns casos, avança sobre o quintal frontal, eliminando-o por completo. O resultado é similar à tipologia do tradicional sobrado, em que o espaço comercial é aberto para a rua. A impressão quando vemos a atual edificação é de que o comércio utiliza um espaço subtraído da casa. Entretanto, trata-se também de uma transformação de adição à casa original, onde o jardim frontal coberto é utilizado como estabelecimento comercial.



Figuras 20 e 21: Esquema casa original e transformação por adição do segundo pavimento que cobre o quintal frontal criando-se espaço para estabelecimento comercial. Fonte: Elaborado por Paulo Soares e Pedro Augusto Teixeira. Foto: Acervo da autora.

O terceiro estudo de caso é em Encantado, bairro entre Piedade e Engenho Novo, nas margens da Estrada de Ferro Central. O bairro de Encantado se desenvolve em duas porções de cada lado da ferrovia. A área estudada está localizada a sul da linha férrea.

O tecido urbano e modos de ocupação neste estudo de caso apresentam características bastante distintas dos dois anteriores, devido aos diferentes agentes e espaço temporal relacionados ao seu processo de urbanização. O bairro de Encantado fazia parte da freguesia de Inhaúma, por onde passava a antiga Estrada de Ferro D. Pedro II (1858). No período de 1873 a 1890, iniciou-se a ocupação urbana quando novos proprietários da região, estimulados pela valorização que a passagem da ferrovia promovera, tomaram a iniciativa de desmembrar parcialmente suas terras em loteamentos arruados para fins residenciais (SANTOS, 1996, p. 231).



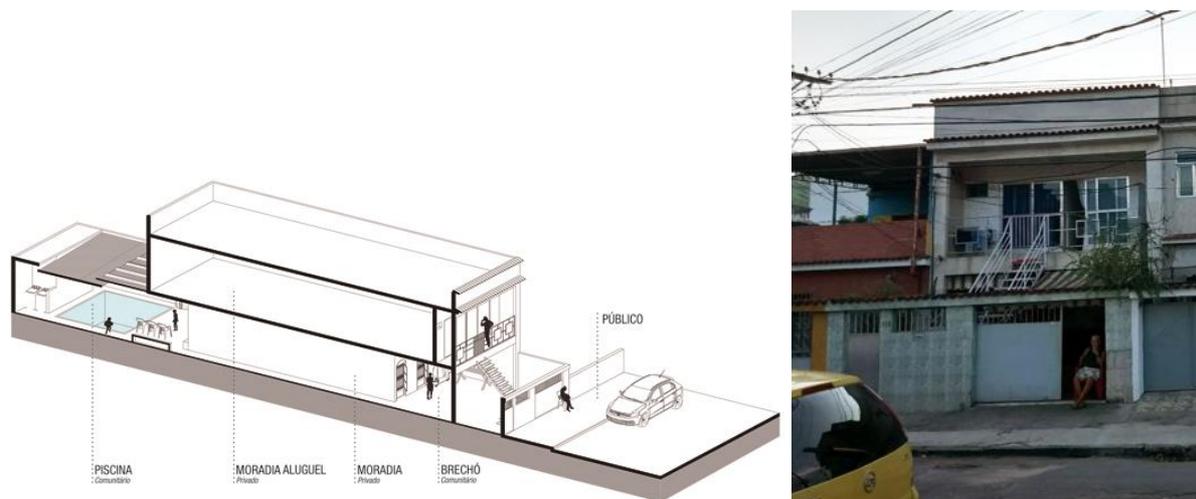
Figura 22: Imagem aérea localização Fragmento Estudo de Caso 3, no bairro de Encantado. Fonte: Elaborado pela autora com base em imagem aérea Google, 2019.

As quadras têm tamanhos variados, como 160 x 225 m, 145 x 245 m, 165 x 155 m — e algumas menores — como 70 x 155 m. Os lotes são muitos diversificados tanto em formato como em dimensões. Este estudo de caso se diferencia diante dos demais por se tratar de uma rua principal de uso misto, da qual partem ruas locais estritamente residenciais, enquanto nos dois primeiros estudos de caso eram quadras predominantemente de uso estritamente residencial, ao menos antes das transformações informais operadas pelos residentes.



Figura 23: Mapa usos e gabarito - Fragmento estudo de caso 3 Encantado. Fonte: Elaborado pela autora com base no Aerofotogramétrico (Prefeitura RJ, 1997).

No fragmento analisado, há maior quantidade de edifícios residenciais construídos entremeados às casas do que nos dois estudos de caso anteriores. No bairro de Encantado, mapeamos menor quantidade de casas residenciais transformadas para conjugar atividades de comércio, serviços ou produção. Parte das casas mapeadas não são visíveis da rua, o que dificultou a identificação das atividades.



Figuras 24 e 25: Esquema 'Natação e Hidroginástica' em casa no Encantado. Fonte: Elaborado por Aline Ourique, Amanda Carvalho e Joice Lima.

A casa acima fica com o portão entreaberto e o proprietário observa o movimento da rua sentado em uma cadeira. Para nossa surpresa, naquela casa de terreno modesto se comparado com outros da rua (5.6 m x 27.9 m), que seria mapeada como estritamente residencial, descobrimos uma diversidade de outros usos. O proprietário, aposentado, nos explicou que morava com sua esposa no térreo da casa e depois que os filhos saíram de casa fizeram uma escada externa, no quintal na frente da casa, para acesso separado para os moradores que alugam o segundo andar. A casa tem testada de apenas 5.6 m e é colada nas divisas em ambos os lados. Há um pequeno quintal frontal separado da rua por muro e portão altos, com aberturas na parte de cima de ambos, de modo a proteger da visão do espaço público e arejar a parte frontal da casa. O térreo da casa é recuado em relação ao segundo pavimento e a varanda coberta e aberta é um espaço de múltiplos usos: um espaço de estar no dia-a-dia da família, um bazar de roupa onde a proprietária recebe amigas e um bazar público em dias de feira, quando é aberto o portão da casa. A maior surpresa foi descoberta ao passar pelo corredor que une a varanda da frente ao quintal dos fundos. No final, há uma piscina para aulas de natação e hidroginástica.

Entre as outras casas transformadas, no início da rua, há uma escola que iniciou as atividades como uma pequena creche em casa e foi crescendo e se tornou uma escola formal. Atualmente, ocupa todo o térreo do amplo terreno de aproximadamente 13 m de frente por 62 m de profundidade. A casa original e seus quintais são utilizados pela escola, além do térreo do anexo construído nos fundos que serve para ampliar o espaço da escola e abrigar o espaço de moradia que permanece no terreno e foi transferido para o segundo andar da nova edificação.



Figuras 26 e 27: Esquema 'Escola' em casa no Encantado. Fonte: Elaborado por Aline Ourique, Amanda Carvalho e Joice Lima.

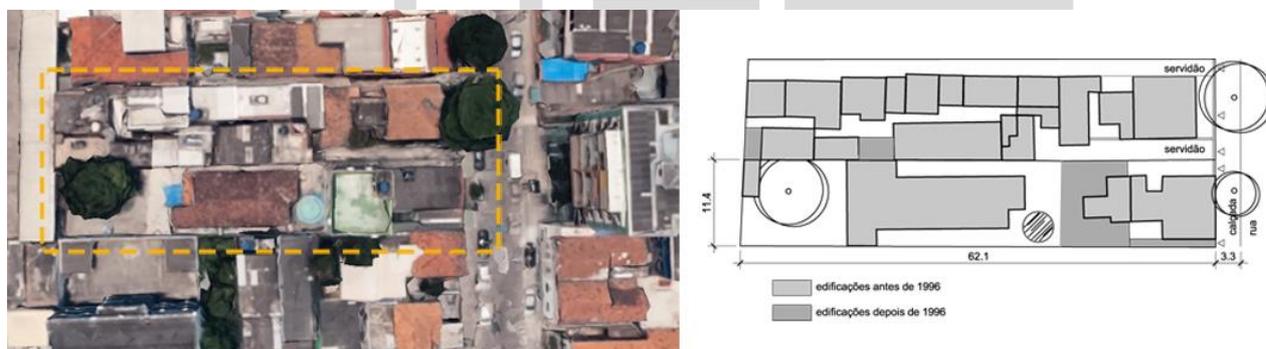


Figura 28: Esquema 'Escola' em casa no Encantado. Fonte: Elaborado pela autora com base em foto aérea do Google e Aerofotogramétrico (Prefeitura RJ, 1997).

Ao lado da escola há um portão que dá acesso a uma servidão, que é bastante comum na rua e faz a conexão com uma série de pequenas casas que foram construídas no quintal dos fundos da antiga casa, que ocupa a frente do lote. No portão, há placas anunciando serviços de salão de beleza e quentinhas nos fundos, onde a vila de casas se transforma em uma espécie de galeria de serviços e comércio conjugados às residências. Sentada em uma cadeira em frente ao portão da rua, uma moradora controla o acesso enquanto observa o movimento da rua.



Figura 29: Portão de acesso à vila galeria. Fonte: Acervo da autora, 2018.

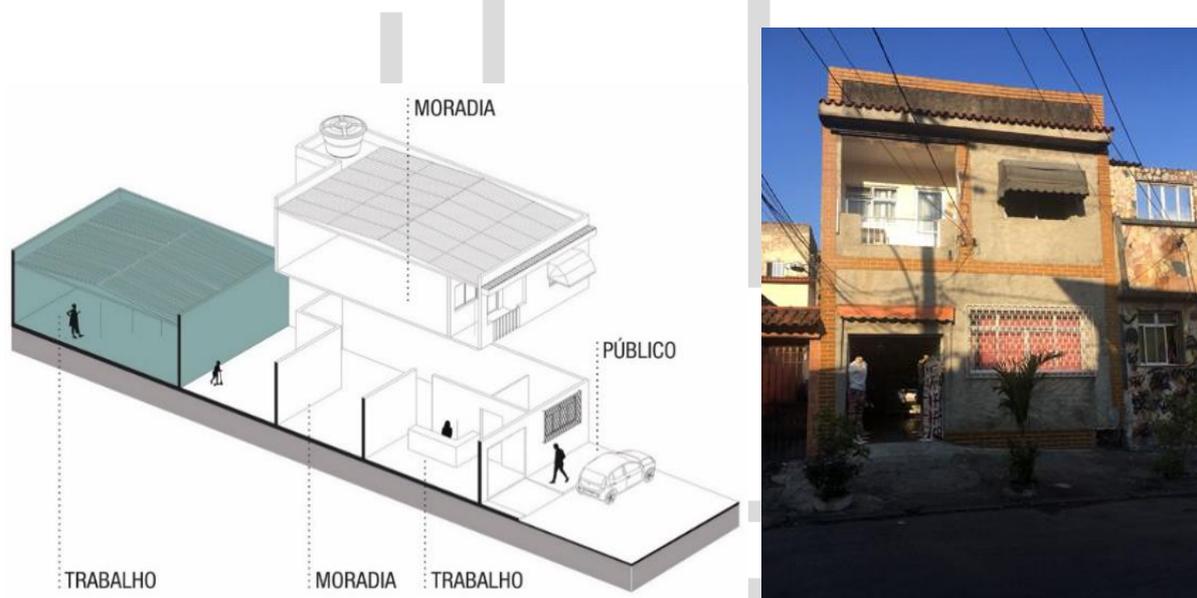


Figuras 30 e 31: 'Biroscas' na Rua Souza Cruz, Encantado. Fonte: Aline Ourique, Amanda Carvalho e Joice Lima, 2018.

Na Rua Cruz e Souza, há biroskas em anexos construídos no quintal frontal de casas residenciais onde vendem salgados, doces e bebidas. Assim como nos outros estudos de caso, as biroskas promovem a diluição da fronteira entre público e privado e a interação entre os que estão dentro e fora da casa. Em frente a essas casas, formam-se 'pontos' de encontro e sociabilidade. Os telheiros definem espaços de produção dentro dos lotes e, em alguns casos, há um toldo que se projeta sobre a calçada e demarca espaço de mesas e cadeiras. Em alguns

casos, o espaço residencial atrás do estabelecimento comercial tem a ventilação e iluminação prejudicadas.

Em outra casa da Rua Cruz e Souza, bem próximo de um ponto movimentado de comércio, uma residente transformou o térreo de sua casa em loja de roupas e artesanato e nos fundos montou sua oficina de cerâmica, onde produz artesanatos e oferece aulas.



Figuras 32 e 33: Esquema 'loja de roupas e artesanatos e ateliê' em casa em Encantado. Fonte: Elaborado por Alexander Santiago, Daniel Mendonça e Glauciane Lelis, 2018. Foto: Acervo da autora, 2018.

A loja ocupa o espaço onde havia, anteriormente, uma garagem e mais uma parte da sala de estar. Atrás da loja há uma sala e um quintal utilizados como espaço de estar da residência. A parte mais íntima e privada da residência está no segundo pavimento.

### SÍNTESE COMPARATIVA

A partir da análise dos distintos fragmentos, é possível identificar, como proposto por Gausa (2010), um tipo de organização que subjaz nos três estudos de casos, havendo certas lógicas e parâmetros de configuração em comum. O tipo de organização identificado é caracterizado sobretudo pelo potencial de transformação e flexibilidade dos espaços e funções. A diversidade resultante se contrapõe radicalmente ao zoneamento funcional que direcionou a formação dos subúrbios, que segue em vigor e extrapola a rigidez esquemática da oposição entre categorias como lote-calçada, casa-rua e conceitos como público-privado.

Para além do tipo de organização, há características específicas de cada contexto físico e grupo social que geram particularidades na produção do espaço em cada um dos casos analisados.

A seguir, algumas considerações e formulações são tecidas a partir do reconhecimento e registro dos estudos de caso empreendidos nos três contextos suburbanos, no intuito de contribuir para a possibilidade de ampliação da participação do arquiteto e urbanista em seu futuro desenvolvimento de servir como referência para a concepção de novas áreas urbanizadas e de projetos de habitação.

## TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO

As áreas residenciais dos subúrbios cariocas são frequentemente tratadas como contextos consolidados. Entretanto, as transformações cotidianas em pequena escala pelos residentes são constantes e expressivas, resultando em aumento significativo da taxa de ocupação dentro dos lotes, verticalização das casas, mudanças de usos e transformação das relações da casa com a rua, não contempladas, entretanto, nos dados oficiais.

Na aproximação desses contextos a partir da cartografia, identificamos um visível processo de densificação: a partir de registros fotográficos ao longo dos anos, a mudança na paisagem urbana. Por meio de conversas com residentes, identificamos como é comum o lote — a princípio unifamiliar — se transformar em moradia de diversas famílias. Outra prática comum é se fazer uso da propriedade como fonte de renda, seja por meio de atividades de trabalho remunerado conjugadas ao espaço residencial, seja por meio do aluguel de parte da casa para moradia ou comércio. A prática da autoconstrução em loteamentos periféricos, seja de novas edificações ou incremental, é frequente e presente no Brasil desde a década de 1940, como apontam diversos autores, dentre eles Bonduki (1979; 1998).

Nesse sentido, uma importante avaliação se refere ao potencial e capacidade do ambiente construído suburbano para a transformação. Se na avaliação inicial do processo de urbanização identificamos a ausência de projeto de vizinhança, no seu sentido mais amplo, apontando-se para processos de segregação sócio espacial e de divisão da terra como mera mercadoria, podemos afirmar que sua forma urbana apresenta um grande potencial para a transformação, o que beneficia ser compatível com os modos de vida e necessidades de seus residentes. Os pequenos lotes privados não despertam interesse do mercado imobiliário, mas oferecem possibilidades para seus proprietários os transformarem atendendo às necessidades de moradia para outros familiares e para geração de renda. Além disso, é comum que as famílias criem raízes naquela comunidade, propiciando práticas de colaboração mútua para além do trabalho remunerado.

Embora seja um extenso território de transformação, a participação do arquiteto nesses contextos é quase nula. Por isso, enfatizamos o potencial dos subúrbios como campo de trabalho para os arquitetos, uma demanda que se melhor compreendida e elaborada como território de projeto pode constituir uma oportunidade de campo de trabalho para o arquiteto e urbanista e prover

aperfeiçoamento das soluções praticadas pelos residentes que podem alcançar maior eficiência em termos de ventilação e iluminação, dimensionamento e organização dos espaços e fluxos e processos construtivos.

## PADRÕES NA DIVERSIDADE

Dentre os variados processos e agentes participantes na formação dos tecidos urbanos e ambientes construídos analisados — e outra diversidade de grupos sociais, que ao longo do tempo transformam seus espaços —, há lógicas e configurações comuns a todas as vizinhanças estudadas.

Em meio à diversidade de tamanhos e formatos de quadras e lotes e tipologias arquitetônicas, o espaço urbano das ruas tem uma conformação geral padrão. As ruas têm largura entre dez a 15m (de frente de lote, à frente de lote) e são compostas de quadras repartidas em lotes estreitos, sendo bastante comum medidas entre 8 e 10 m de testada. As calçadas junto aos lotes têm em torno de 3 a 4 metros de largura e estão elevadas em relação à pista de rolamento asfaltada com largura para dois carros. A paisagem urbana é caracterizada pelo predomínio de casas de um a três pavimentos. Em meio às casas, há tipologias excepcionais com maior ou menor frequência, sobretudo os edifícios residenciais coletivos de dois a quatro pavimentos, chegando até seis pavimentos em raros casos e os galpões.

A fronteira do lote com a rua é bem demarcada, com a edificação no limite frontal do lote ou muros e cercas que variam de altura. O grau de permeabilidade visual entre a rua e o lote varia bastante de casa para casa, formando uma paisagem não uniforme a partir dos ritmos de abertura e fechamento na sucessão dos lotes estreitos. O ritmo também é estabelecido pelo movimento dos recuos e aproximações das casas em relação ao limite frontal do lote. Não há a constituição de uma fachada urbana contínua, mas de um espaço recortado a partir do movimento tênue dos recuos e aproximações das casas junto à calçada.



Figura 34: Padrões do espaço urbano residencial do subúrbio carioca. Muros, cercas e recuos das edificações conformam espaço urbano não homogêneo e ritmado. Fonte: Elaborado pela autora.

Nesses contextos, as gradações de permeabilidade dos muros, grades e estabelecimentos comerciais no nível do térreo e janelas, sacadas e terraços abertos nos pavimentos superiores resultam em ruas com maior ou menor interação física e visual entre os espaços público e privado. Em algumas ruas, o muro se torna elemento dominante na paisagem. O sistema lote privado e rua pública como espaço de circulação se consome, reforçando o caráter de separação entre a rua e a casa.



Figura 35: Padrões do espaço urbano residencial do subúrbio carioca - muro como elemento protagonista na definição do espaço urbano. Fonte: Elaborado pela autora.

Em outros casos, os muros são alternados com cercas e outros dispositivos que alavancam a diluição da fronteira entre o lote e a calçada pública. O mesmo sistema base se mostra profícuo para o desenvolvimento do uso misto de fino grão, a partir da unidade híbrida de moradia e trabalho e de um ambiente urbano marcado pela interação entre público e privado com a presença de espaços de uso comum como espaços internos da casa ou varandas abertas para a rua, coberturas sobre a calçada.



Figura 36: Padrões do espaço urbano residencial do subúrbio carioca - comércio e serviços nas casas diluem fronteira dos lotes. Fonte: Elaborado pela autora.

## OCORRÊNCIAS DA ARQUITETURA HÍBRIDA DE MORADIA E TRABALHO

Comparando os três estudos de caso, identificamos algumas lógicas para a ocorrência das atividades de trabalho em casa, sobretudo dos estabelecimentos abertos para a rua. Comparando os três contextos estudados, identificamos duas situações comuns: na primeira, a carência e distância de comércio e serviço geram uma oportunidade e os estabelecimentos se desenvolvem em casas residenciais e se beneficiam desse fato. Entretanto, a situação inversa também pode ser favorável. O comércio formal estabelecido funciona como âncora em sua proximidade também se proliferam estabelecimentos de comércio e serviço em casas residenciais se beneficiando da oportunidade do fluxo de pessoas que já é atraído pelo comércio formal, de forma que os estabelecimentos nas casas residenciais complementam o comércio formal.

Na Carioquinha, a esquina comercial, a praça, a escola e a rua de lazer funcionam como âncoras que geram oportunidades e, conseqüentemente, uma zona de concentração de estabelecimentos nas casas. Conforme se distancia da área mais central, diminuem as ocorrências, tornando-se rarefeitas nas longas quadras residenciais.

Na vizinhança do IAP Marítimos, o fluxo de pessoas que inclui residentes das casas e dos conjuntos habitacionais para o centro comercial e de transportes do bairro é determinante para aquelas ruas conformarem corredores onde se desenvolvem mais estabelecimentos comerciais.

Em outra lógica, um trecho de rua localizado no quarteirão mais extenso da área, também é uma zona de concentração. Quarteirões mais extensos, estritamente residenciais e que não são corredores de fluxo de pedestres constituem zonas de dispersão em outros casos analisados. Na Rua Lima Sucupira, entretanto, foi instalada uma cancela no final do quarteirão e se desenvolvem estabelecimentos de caráter mais intimista, que atendem aos moradores como creche, loja de pipas e biroskas que dão suporte às atividades sociais da rua que se torna um espaço público de permanência e convivência entre residentes: crianças brincando e moradores de diversas casas sentados em cadeiras nas calçadas.

Em outros trechos de ruas que estão fora dos trajetos que levam ao centro de bairro, o movimento de pessoas e a ocorrência de estabelecimentos nas casas são reduzidos. Parece haver nesses trechos de ruas estritamente residenciais, casas de residentes de mais alta renda. No IAP Marítimos, esses trechos residenciais estão em quarteirões curtos em meio a ruas mais movimentadas, de modo que a sensação nas ruas é de segurança.

Em Encantado, é na rua de centro de bairro onde há concentração dos estabelecimentos abertos para a rua em casas residenciais. Os estabelecimentos nas casas complementam o comércio existente tirando proveito do fluxo de pessoas da rua de centro de bairro. Nas ruas transversais são mais escassos os estabelecimentos visíveis da rua e a presença de muros altos e pouco movimento de pessoas é sensível na paisagem urbana.

Há, entretanto, outros tipos de espaço comum e de sociabilidade que se desenvolvem dentro dos lotes e não são visíveis da rua. Como as quadras e lotes são mais profundos, atividades comerciais e serviços ocorrem em vilas e fundos de quintais.

## QUADRAS

Identificamos nos casos estudados que nas situações em que as quadras se estendem para além dos 150 m e, principalmente, 200 m, há uma tendência de se tornarem espaços urbanos com baixa ocorrência de atividades comerciais nas casas, “pontos” e movimento de pessoas nas ruas.

As quadras de Encantado, vizinhança mais antiga dentre as três analisadas, têm formato diferente das outras duas áreas. Seu formato mais próximo do quadrado atendia às demandas das antigas chácaras da região, com lotes mais profundos e quintais amplos destinados ao cultivo de pomares e hortas. Já nos loteamentos do século 20, a profundidade do lote é reduzida e o modelo mais replicado de quadra é com dois lotes de profundidade, resultando em quadras retangulares.

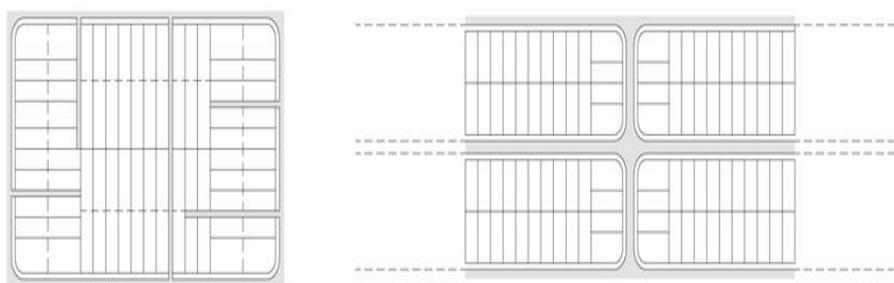


Figura 37: Esquema de quadras décadas 1890-1910 x loteamentos décadas 1920-30. Fonte: elaborado pela autora.

No loteamento de Irajá da década de 1920, as quadras retangulares são menores do que as quadras da área que se desenvolveram posteriormente em torno dele. No loteamento mais recente do IAPM, as larguras das quadras são reduzidas, havendo poucas exceções de quadras que alcançam os 200 m. Em geral, há uma relação direta entre as quadras retangulares mais extensas e redução de movimento de pessoas e de uso misto. As quadras retangulares foram se tornando cada vez mais extensas em loteamentos periféricos do Rio de Janeiro, buscando otimização de recursos e o maior aproveitamento do número de lotes. É o que podemos perceber em outros subúrbios desenvolvidos posteriormente ao loteamento de Irajá, de 1924. As dimensões das quadras do IAPM propiciam uma boa conectividade entre os transeuntes e, já as dimensões das quadras ao norte do loteamento de 1924 de Irajá, favorecem a rua residencial deserta.

Observamos uma dinâmica bastante distinta em relação ao tecido de Encantado caracterizado pelo quarteirão quadrado. Em Encantado, apesar da inexistência de hierarquia viária, há a conformação de uma rua principal, onde há o uso misto — tanto comércio formal quanto casas híbridas voltados para as calçadas. A rua de

uso misto tem intenso movimento de pessoas sendo irrigada pelas grandes quadras que a margeiam, conformando-se nela um centro comercial. O caráter da rua é mais público e menos intimista do que as ruas dos estudos de caso de Irajá. Nas ruas transversais e paralelas, o movimento é reduzido, assim como a diversidade de usos. Há ainda uma outra categoria de rua formada pelos becos, travessas, servidões e ruelas onde há outros tipos de sociabilidade, relações de público e privado e atividades comerciais.

### **ZONA RESIDENCIAL X USO MISTO**

Observamos, nas vizinhanças residenciais, que a intensificação do uso misto é positiva sob diversos aspectos naqueles contextos. Propicia geração de renda, potencializa a caminhada, aumenta a oferta de produtos e serviços e espaços de encontro e sociabilidade, agregando os moradores e produzindo maior sensação de segurança. Nas áreas estudadas, não detectamos nenhum problema em relação à diversidade de atividades na área residencial e não tivemos nenhum relato no sentido de insatisfações em relação às atividades comerciais e sociais desenvolvidas nas casas e calçadas.

Entretanto, compreende-se, que a intensificação do uso misto por meio das casas híbridas não é a melhor solução para qualquer contexto. Em alguns casos, os residentes apreciam a tranquilidade da rua e preferem que a rua se mantenha de uso exclusivamente residencial. Esses casos, em geral, estão associados aos residentes de mais alta de renda em comparação a outros grupos vizinhos, contextos sociais em que não há necessidade de fazer uso da propriedade como fonte de geração de renda.

Em outras ruas, a ausência de atividades comerciais nas casas não é uma escolha dos residentes. São ruas em quarteirões longos, que não constituem percursos atrativos para pedestres exceto os próprios moradores. Com reduzido fluxo de pessoas, os empreendimentos não são viabilizados. Nesses casos, um fator retroalimenta o outro: ausência de movimento de pessoas, ausência de atividades diversificadas, intensificação da presença de muros altos, devido à sensação de insegurança, resultando em ruas desertas e inseguras.

### **CASA, RUA, QUINTAL: O PÚBLICO E O PRIVADO NO SUBÚRBIO CARIOCA**

No subúrbio carioca, a fronteira entre o lote e a rua é demarcada fisicamente, salvo raras exceções, por meio da construção de muros ou gradis e portões. Os quintais frontais tornam-se no subúrbio carioca um espaço flexível, que dá oportunidade aos residentes de escolha da sua função, assim como o tipo de relação entre a casa e a rua, servindo ora como espaço de afastamento da casa em relação à rua, ora de expansão da casa, ora de espaço de convívio íntimo da casa, quando levanta-se o muro ou como dispositivo de interface de troca com a rua.

Ainda que a barreira física na fronteira da propriedade privada seja constante, as variadas gradações de visibilidade e demarcações de público e privado extrapolam a rigidez desse limite. Muros baixos e gradis permitem a interação

visual entre jardins e varandas, sacadas e janelas frontais da casa com o espaço urbano. Em outras casas, muros mais altos resguardam o espaço privado na porção frontal da casa. A proteção dos espaços privados e íntimos da casa é identificado como um valor cultural desses subúrbios, de modo que os muros altos não têm em todos os casos apenas função de dar segurança, mas também de resguardar a privacidade.

Por outro lado, a lógica da demarcação da propriedade privada é suspensa com a abertura de portões para a rua, com o sentar-se à soleira do portão ou em cadeiras na calçada, ou por meio da criação de espaços de transição que diluem a fronteira, normalmente associados ao uso comercial. Esses espaços que estão ora dentro do lote, ora na calçada são convidativos aos vizinhos e passantes, dão suporte para atividades sociais.

Os conceitos tradicionais de público e privado que valem para o sistema padrão de loteamento são reconfigurados a partir das transformações feitas pelos residentes. A configuração inicial é clara e sem matizes: lotes privados e ruas e calçadas públicas. Mas, na prática, a gradação é variada e resultante da combinação de alguns dispositivos que constituem a gramática do subúrbio.

Um conjunto reduzido de categorias que inclui a casa, o quintal, a varanda, o telheiro, o muro, a grade, o portão, a janela, o balcão, o toldo, plaquetas e letreiros combinados no espaço do lote e, por vezes, se estendendo nas calçadas, resultam em uma diversidade de espaços intermediários com nuances específicos de gradações público-privado e formas de interação física e visual entre o lote e o espaço urbano.

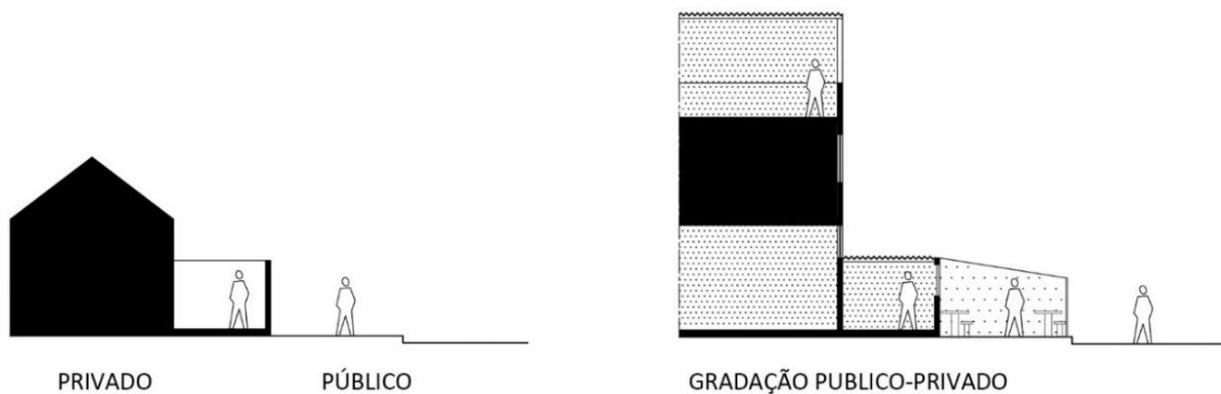


Figura 38: Corte diagrama público e privado em casas do subúrbio carioca. Fonte: Elaborado pela autora.

A calçada não é oficialmente parte da propriedade privada do lote, entretanto, é tratada como uma espécie de código entre os residentes, como uma extensão do lote. Na porção de calçada em frente ao lote, o proprietário da casa pode estacionar o seu carro, colocar cadeiras ou estender um toldo ou telheiro. Não identificamos nas conversas com residentes nenhuma oposição a essas práticas, de modo que a calçada constitui também um outro tipo de espaço flexível da casa, com possibilidades mais restritas do que o quintal frontal.

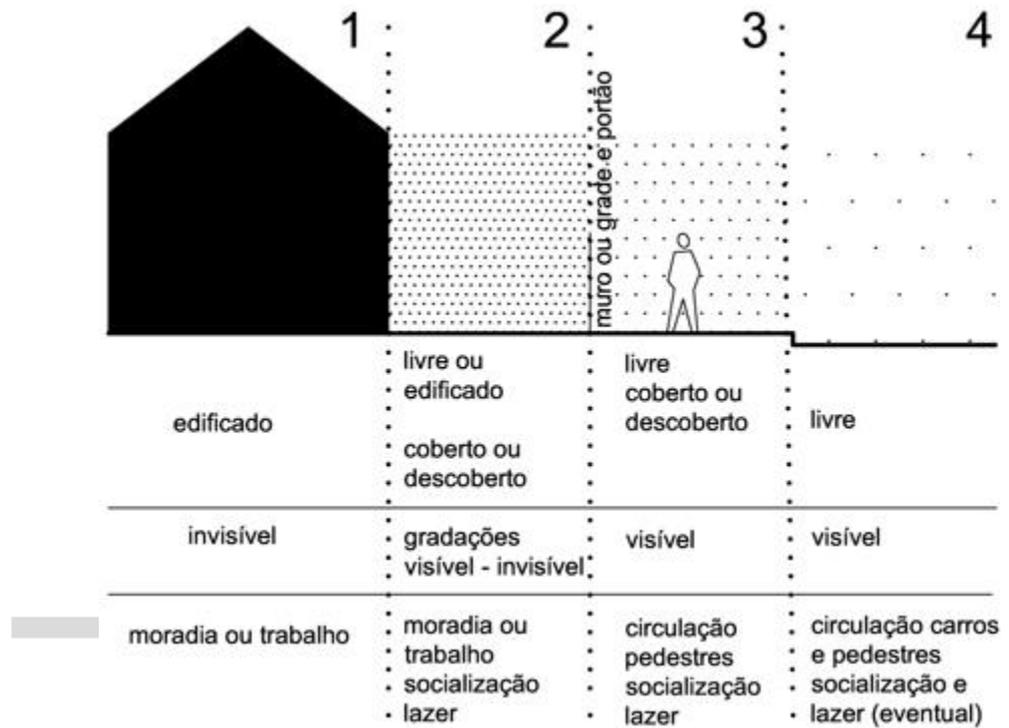


Figura 39: Corte diagrama espaços flexíveis no subúrbio carioca. Fonte: Elaborado pela autora.

O hábito de andar pela rua é muito presente nos subúrbios e reforça a concepção da calçada como domínio da casa e como espaço privilegiado de permanência. A rua, por sua vez, também tem caráter flexível, sendo utilizada para funções que vão além da circulação de carros, em eventos de lazer comunitário como jogo de futebol, confraternizações ou rodas de samba.

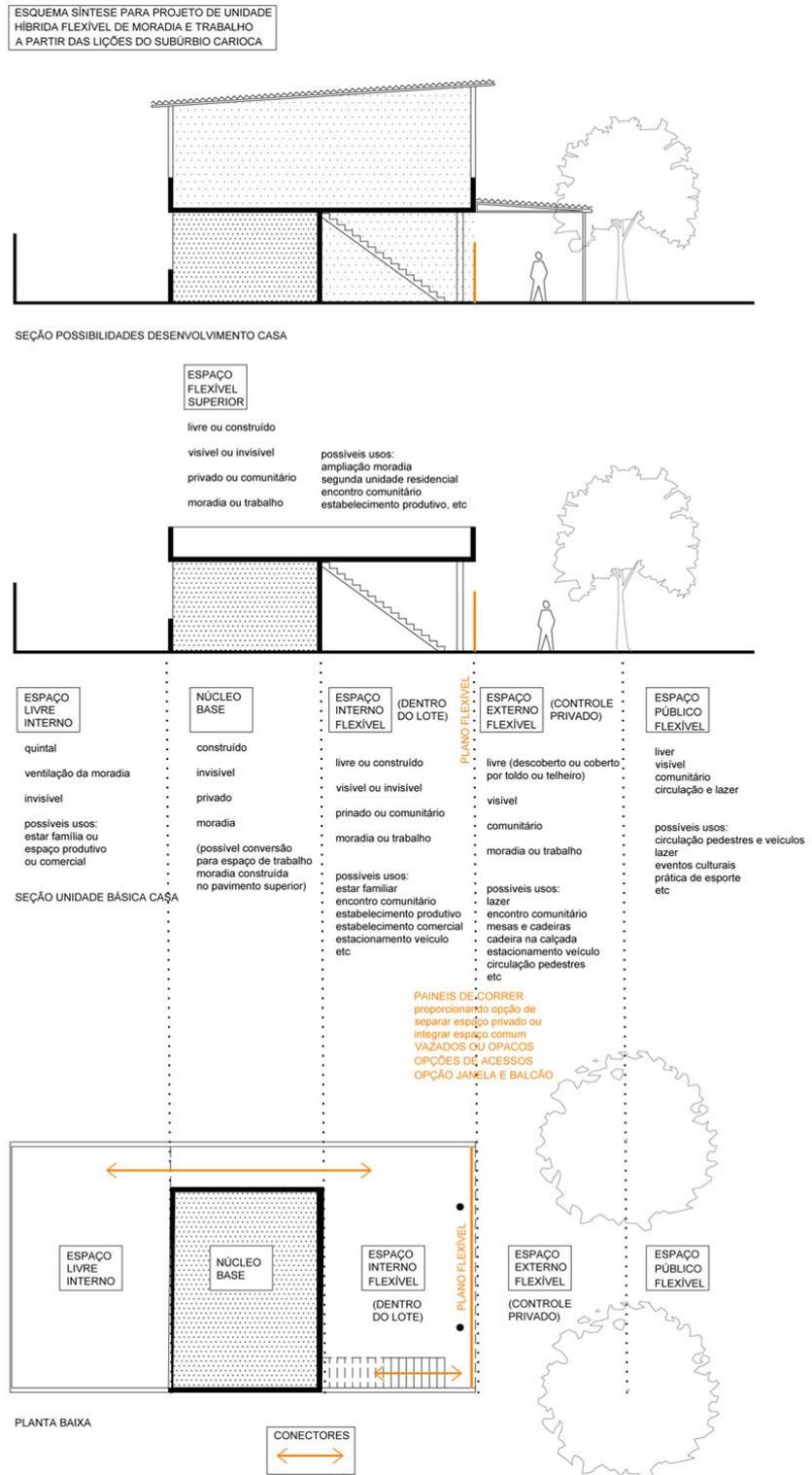


Figura 40: Esquema Síntese para projeto de unidade híbrida flexível de moradia e trabalho a partir das lições do subúrbio carioca. Fonte: autora, 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE DOS SUBÚRBIOS CARIOCAS

As atividades de trabalho informal sediadas em casas no subúrbio carioca impulsionam a economia local e transformam as rotinas diárias de seus moradores e seu ambiente construído. Atendendo às demandas não previstas pelo planejamento urbano, criam dispositivos mais favoráveis aos modos de vida próprios daqueles usuários. A partir da necessidade de geração de renda, decorre o beneficiamento do comum: comércio e serviços em distâncias caminháveis, interação das casas com a rua, criação de espaços de encontro e convívio entre os moradores; intensificação do uso e apropriação das calçadas, ativando-se a vida urbana e transformando a rua em espaços mais habitados, cuidados e seguros.

O modo de viver desses cariocas e suas práticas sociais espontâneas são uma demonstração de que mais do que o espaço bucólico, almejado nas áreas residenciais pela ideologia do zoneamento funcional, essas comunidades se beneficiam das ruas mais movimentadas, dos produtos e serviços oferecidos perto de casa, das oportunidades de encontro e trocas do convívio comunitário.

As transformações, ou “artes de fazer” (CERTEAU, 1984), nas vizinhanças suburbanas do Rio de Janeiro, por seus residentes são valorizadas como pistas importantes para se pensar o planejamento das cidades e políticas de habitação. Indicam caminhos alternativos ao modelo hegemônico monofuncional dos grandes conjuntos habitacionais, loteamentos de casas unifamiliares e condomínios fechados — formatos de habitação e cidade que seguem sendo repetidos majoritariamente no Brasil e que contribuem para tornar as cidades cada vez mais segregadas à revelia dos modos de vida que podemos observar nessas vizinhanças de subúrbio transformadas pelos residentes.

Contemplar no projeto de arquitetura habitacional a previsão de espaços flexíveis para expansão da moradia, para a conjugação de espaços de trabalho e espaços de uso comum é uma medida necessária para se evitar que transformações não planejadas gerem espaços mal ventilados e cobertura total do solo. A aproximação e participação do arquiteto no processo de transformação das áreas residenciais dos subúrbios é outra demanda necessária para que se alcance soluções ainda mais eficientes, sobretudo em relação ao conforto ambiental e permeabilidade do solo. Além disso, mostra-se como uma oportunidade para ampliação do campo de trabalho do arquiteto.

As táticas analisadas que se proliferam no subúrbio carioca são, por fim, valorizadas pela demonstração de que pequenas ações no ambiente construído, intrínsecas aos modos de vida e desenvolvidas com astúcia, são capazes de qualificar um ambiente urbano, bem como colaborar para a constituição de uma comunidade. De que operações pontuais podem resultar na transformação de um todo. E, de que as ações ordinárias, vindas do homem comum, são ensinamentos valiosos para se pensar e transformar a cidade.

## REFERÊNCIAS

- BONDUKI, N.; ROLNIK, R. Periferia de São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. *In*: MARICATO, E. (ed.). **A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação da Liberdade Fapesp, 1998.
- BONDUKI, N. **Os pioneiros da habitação social**. São Paulo: Edições Sesc e Fundação Editora Unesp, 2014.
- GAUSA, M. OPEN Espacio **Tiempo Información**: Arquitectura, Vivienda y Ciudad Contempro-ránea. Teoría y Historia de un Cambio. Barcelona: ACTAR, 2010.
- HETZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SANTOS, C. N. F.; VOGEL, A.; MELLO, M. A. da S. *et al.*, **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São. Paulo: Projeto FINEP; IBAM, 1985.
- SANTOS, J. J. M. dos. **De freguesias rurais a subúrbio**: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro. 1996. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.

Esta pesquisa teve apoio para estágio doutoral no exterior concedido pela Capes pelo Programa *Emerging Leaders in Latin America* (ELAP, Governo Canadense).